Editorial

DOSSIÊ
FABULAÇÕES E NARRATIVAS MAIS QUE HUMANAS: em busca de modos de escrita nas artes e na teoria crítica implicados com a vida multiespécie

Editora e propositora: Martha de Mello Ribeiro

É com muita alegria que apresento aos leitores da Revista Dramaturgia em Foco este Dossiê, que compartilha a experiência inédita de uma escrita-compostagem feita por um coletivo de artistas-pesquisadores que participaram de um Curso que ministrei no segundo semestre de 2025 no Programa de Pós-Graduação das Artes da Cena da UFRJ-ECO, integrando doutorandos e mestrandos da UFRJ, da UFF e da Unirio.

Uma confluência de desejos em experimentar narrativas, dramaturgias, romances e formas híbridas de escrita compõe esta miríade de histórias sobre bolsas, papos de tucano, caixinhas de memórias, potes de talco, sementes, infância, dracenas, fios vermelhos, barbantes, gorros, cartas, segredos, fadas do dente, canoas, cuias, pedras e invenções sobre a vida, o amor, o erotismo, o feminismo, a solidão, a vulnerabilidade, a morte e, claro, sobre novos futuros.

No desafio de traçar outros caminhos para escrever uma história (ou uma outra história), seguimos o curso inspirada nas ideias de Donna Haraway, da fabulação especulativa à vida multiespécie, junto à Teoria da Bolsa de Ficção, de Ursula Le Guin, e suas histórias de ficção, conectada com o pensamento de Judith Butler, de crítica à violência ética da interpelação, na atenção aos problemas da produção performativa do sujeito em relação e ao direito à opacidade como virada ética de resistência.

Em oposição à suposta centralidade humana, de crítica aos modelos de representação herdados pelo colonialismo, em franco desacordo com a fábrica de heróis ocidentais, aqueles vencedores e caçadores que continuam vampirizando outras histórias de vida, àquelas que não conseguiram (não conseguem) chegar até nós, interceptadas pelas flechas de poder. Como as histórias de sementes, de fios, de fungos, de quimeras, de montanhas, de ossos e dentes. Os artistas-pesquisadores aceitaram o desafio do curso para imaginar composições fabulatórias com os elementos singulares e afetivos que cada um trouxe para colocar em nossa mesa (ou bolsa) de compostagem coletiva. São eles:

– Um papo de tucano, na contradição entre o amuleto espiritual e o veneno da destruição (assim como são as palavras); um livro que a criança nunca leu, mas que usava para criar suas próprias histórias; um pote de talco antigo de uma avó que faleceu, e que deixou a memória de um cheiro de rosas; uma caixinha com pequenos objetos de encontros amorosos perdidos; um pequeno gorro vermelho para recém-nascidos, herança e relíquia passada de mãe para filha; a tampa de uma cerveja compartilhada com um amigo de infância que deixou o Brasil; uma carta lacrada do pai, com instruções para a filha só abrir depois de sua morte; caixas com todo tipo de escritos e mais de 70 diários do avô falecido; um protetor de dedos fraturados da escritora que tem como tarefa responder à última carta do pai; a boneca da Isabelita dos Patins, memória da juventude do escritor *queer*; dentes coletados e colecionados para fins artísticos; radiografias de uma massa não identificada na cabeça do escritor; uma baba sem forma, gosma primordial, erótica e cheia de humosidades; um barbante que se desprende de sua gente e sai pelo mundo; muitas dracenas, plantas de proteção que falam antes da língua, liquidificando as palavras do escritor.

Muito mais do que objetos, estes elementos estão vivos, são matéria orgânica para a nossa compostagem de palavras. Cada um deles porta um repertório particular que, em relação, se fez coletivo, comunitário. São histórias de vida que renascem diferentes ao serem narradas mais uma vez, na humosidade entre Eu e Tu. A compostagem criou novas temporalidades e arranjamentos, que se mesclaram, firmando um parentesco afetivo entre os elementos trocados e fabulados. Conforme o leitor poderá saborear nas histórias que compõem esse Dossiê.

Cada composição nos diz algo sobre a tarefa de contar histórias, cada história revela a rede de comunidades da qual fazemos parte, cada história está conectada com as outras histórias, e juntas se emaranham com todas as espécies, sejam animais, plantas, pedras, espíritos e invenções narrativas. E esse composto (sugerimos que as histórias sejam lidas na ordem de suas aparições) nos pergunta: qual a realidade que estamos mantendo ou criando com nossas histórias? A ficção, como nos diz Le Guin, é um modo de agir no mundo, não se escreve para se escapar do mundo, mas para mantê-lo vivo pela escuta e pela imaginação.

E o que queremos manter vivo?

Trabalhar histórias, na arte e na vida, implicadas com epistemologias que pensam a vida na sua relação multiespécie, a partir de uma experiência epidérmica (Ribeiro)[1] nos coloca em franca oposição às certezas do mundo moderno ocidental, estas mesmo que colocaram o sujeito humano no centro do mundo, separado da natureza. Em nome de uma cena colonial-patriarcal centralizada no humano, e reencenada contemporaneamente nas instituições, na política, nas metodologias aplicadas, nos discursos teóricos, na produção artística, continua-se a reforçar o território espetacular do capitalismo, suas relações sociais e de poder, seus mecanismos de normatização dos corpos e os dualismos da máquina antropológica (Agamben). Se faz urgente transformar essas ruínas herdadas, fabulando mundos mais que humanos, como fazíamos em nossa infância, quando as coisas ainda não eram as coisas.

Pensar a escrita como uma coleta ou compostagem evidencia que os conflitos políticos contemporâneos não dizem respeito apenas a interesses divergentes ou regimes de poder, mas a ontologias em disputa — isto é, a diferentes modos de conceber o que existe, o que conta como realidade e quem ou o que pode participar do mundo comum (De La Cadena). Há urgência em rever criticamente o modo exclusivista como escrevemos histórias da vida social humana apartada da natureza; rever como praticamos, no manejo ficcional, conceitos e epistemologias que reiteradamente fazem circular afecções violentas sobre existências outras (M. Ribeiro). O ponto crítico está em repensar os modos de narrar e de escrever ficção que operamos (Le Guin), buscando nas contranarrativas questionar partilhas de poder-saber, hierarquias e fronteiras.

Para Donna Haraway, fabular é um trabalho de compostagem. E como toda compostagem se trata de uma tarefa de misturar restos de histórias, ficcionais ou não, para alimentar outros modos de escrita, que por sua vez vão alimentar outros modos de existir e de viver, outros modos de habitar o planeta, de criar conexões, visando um parentesco mais que humano. Estou convencida de que as narrativas podem nos abrir possibilidades para a construção de outros mundos. Nossas histórias de ficção não são apenas inventadas, elas estão emaranhadas de desejo e de real. Lembramos, junto a Ricoeur, que a história, o documento, é um organismo construído também com a língua, com as palavras. Seu modo de agir é através da linguagem, toda história é, antes, literatura e poética. Todos

[1] RIBEIRO, Martha de Mello. Reflexões desobedientes de uma escrita-teatro feminista: colisões, interrupções e arranjamentos. **Urdimento - Revista de Estudos em Artes Cênicas**, Florianópolis, v. 3, n. 52, p. 1–26, 2024. DOI: 10.5965/1414573103522024e0102. Disponível em: https://www.revistas.udesc.br/index.php/urdimento/article/view/25545. Acesso em: 21 jun. 2026.

os fatos históricos dependeram de um ponto de vista, de uma perspectiva epistêmica, ou de crenças que sempre mudam tudo, das palavras escolhidas que constroem realidades.

O que ainda não nasceu, está por vir, de dentro das histórias emaranhadas que contamos, entre mordidas de sonho e de real.

O Leitor vai encontrar, neste Dossiê, 15 narrativas diferentes, que costuram os objetos/elementos afetivos coletados e compartilhados para nossa compostagem coletiva. São estas as histórias que compartilhamos com o leitor:

1. KUIETÉ: dramaturgia e memória em processo de compostagem, de LILIAN DA SILVA CORRÊA;

2. FABULAÇÃO NARRATIVA. Entre mitos, dentes e entes, práticas intuitivas de sobrevivência: o corpo-amuleto como dispositivo de memória, de ANA CLARA BADIA GUINLE;

3. DA DECOMPOSIÇÃO BIOLÓGICA À ÉTICA DA ALTERIDADE, de JOELSON GUSSON;

4. SER UM DIA A MONTANHA, NO OUTRO A MARRETA, de CAMILLA AMARAL ROSSI;

5. OCO – o que fala entre o eu e o tu, de TRACY SEGAL**;**

6. O EXCÊNTRICO NOVELO DE BARBANTE ANDARILHO, de LEONARDO RODRIGUES MARTINS;

7. O GORRO E O FIO DO GESTO INVISÍVEL: Entre maternidade, memória e fabulação, de LUCIANA LOPES ROCHA**;**

8. QUIMERA, de DANIELA CARMONA;

9. DENDRITOS, de RODRIGUS PINHEIRO**;**

10. PSICOGRAFIA PÓS-APOCALÍP-TITICA: uma peça radiofônica, de CARLOS AUGUSTO DE ANDRADE;

11. MAIS UM ESPELHO NO MEIO DA TARDE, de AURELIO ORTH DE ARAGÃO;

12. SELVAGEM, de CLEITON ECHEVESTE;

13. DIÁRIO DO PROFESSOR DO FIM DO MUNDO: Corpo docente, corpo mutante, uma fabulação crítica, de IVAN DOS SANTOS FARIA;

14. MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA PARA NOITES SOLITÁRIAS, de CHARLES LUCIANO;

15 - COCORÔCO, de PEDRO MOURTHÉ KOSOVSKI.

Convidamos o leitor a seguir a ordem sugerida. Será como seguir os rastros, ou os fios do que trabalhamos no curso, nas leituras coletivas dos textos, nas reflexões e derivações que foram produzindo encantamento ao revelarem conexões mágicas entre os objetos, entre as histórias, entre dores e desejos de futuro.

Os primeiros 5 textos são sonhos manifestos, onde a paisagem, os elementos, as imagens e os seres mais que humanos formam um composto entre memória, infância e território. O primeiro deles, **KUIETÉ**: dramaturgia e memória em processo de compostagem, de Lilian Corrêa, que belamente nos ensina a dramaturgia da cuia, de como o fruto do coité produz linguagem e território em sua relação com o povo Mura, do qual a autora é originária. A compostagem nos leva pelo rio para o encontro entre uma criança e um tucano preso numa estreita gaiola. E aprendemos com cunhantã quando estranha em pensamento: "por que prender um corpo feito para o voo". O silêncio da criança segue o rio, levando junto com ela o nosso sangrento silêncio.

FABULAÇÃO NARRATIVA. Entre mitos, dentes e entes, práticas intuitivas de sobrevivência: o corpo-amuleto como dispositivo de memória, de Ana Clara Guinle, propõe uma dramaturgia visual entre dentes e ossos. A autora faz do dente um dispositivo de memória, entre fotografias e invenções, E percorre o trajeto epistêmico do curso para pensar o dente como um corpo-amuleto, desejado pela fada do dente. Corpo-estranho, diferente, a fada voa leve, e como um sonho que nos rouba algo, ela rouba, junto ao dente, a infância. E se pudéssemos recuperar os pequenos dentes de leite e conhecer as coisas como uma criança?

DA DECOMPOSIÇÃO BIOLÓGICA À ÉTICA DA ALTERIDADE, de Joelson Gusson, transporta-nos para o reino dos fungos, entre Eros, Cazuza, Dionisio, Isabelita dos Patins e tantos mais. A narrativa propõe um rodopio irônico sobre a figura do herói salvador. O gesto fúngico do autor, de um humorismo refinado, nos faz saborear uma fabulação filosófico-política do anti-herói fungo que tudo, ou quase tudo, absorve; assim como esse autor coletor que traz para sua compostagem uma grande sacola repleta de sabores, talvez ácidos, mas viciantes.

SER UM DIA A MONTANHA, NO OUTRO A MARRETA, de Camilla Amaral Rossi, desloca o ponto de vista humano para a pedra. Uma poesia feita por pedras, amores e montanhas que caminham, quando ninguém vê. Sua fabulação é também sobre o tempo não humano, um tempo mais largo, que nos engole e que um dia nos fará também pedra.

OCO – o que fala entre o eu e o tu, de Tracy Segal, "uma breve peça dramatúrgica", mergulha na opacidade entre o Eu e o Tu para falar sobre coisas e pré-coisas, sobre palavras jogadas como pedras para um glossário de inutilidades, sobre um gato que ronrona. Precisamos muito das inutilidades. Entre um papo de tucano e um papo furado, a compostagem se forma. A colheita foi feita, os fonemas e as rimas entre pedras roladas, amores e piadas infames nos fazem saborear o que foi levado para a mesa/bolsa. O que resta é o oco das palavras que teimam em significar.

Os próximos 5 textos trabalham sobre fios e barbantes, e também sobre húmus e gosmas primordiais. Do fio que liga coisas à ruptura radical do sentido da palavra, ficamos com o som, com o ritmo da respiração, com as estranhezas, com raízes neurais e com o erotismo das coisas que não precisam fazer sentido. Em **O EXCÊNTRICO NOVELO DE BARBANTE ANDARILHO**, de Leonardo Rodrigues Martins, primeiro texto que abre este segundo pentático, o sujeito é o barbante e o território é coletivo. A narrativa andarilha segue um nascimento: do algodão do sertão ao inquieto barbante, vamos caminhando juntos, enovelados, como quer o autor. Andarilhar pelo mundo, em cordão, faz da planta-algodão algo do mundo e nestas tantas travessias cantadas um pouco de cada um esteve por lá.

Seguimos o fio em **O GORRO E O FIO DO GESTO INVISÍVEL**, de Luciana Lopes Rocha, que fia a experiência de maternagem da autora. A intimidade floresce no gorro vermelho que testemunha gerações de bebês. O gesto invisível é o do inacabado. Memória e matéria se confundem, diz a autora, em sua experiência fabulatória. E o gesto menor, das coisas pequenas e desimportantes, agiganta o gorro vermelho, prenhe de memórias ancestrais das tantas mulheres que o tocaram.

QUIMERA, de Daniela Carmona, mergulha na ficção para uma fabulação feminista. Da gosma primordial, acompanhamos uma escrita furiosa e radicalmente afetiva entre corporalidades de mulheres trans, pretas, travestis, indígenas fluidxs feministas e feminizadxs. O erotismo sem medo é o não ao patriarcado. É o rasgo profundo na "pedagogia da crueldade" (Segato) que ensina aos homens e mulheres a

estrutura de dominação masculina. Desta escrita-navalha, erótica, rebelde e cheia de vida, nasce a Quimera, mutantes ciborgues com seus amores imensos. Ficção, ou talvez o mais que real.

DENDRITOS, de Rodrigus Pinheiro, traz as estranhezas nas confluências humanas e mais que humanas, elaborando um texto inquietante que nos atravessa tal qual um enigma que, sem pressa de ser decifrado, observa atentamente a impossibilidade humana de se libertar de sua língua para se deixar engolir por outras, como a do bicho. A experiência tátil entre os corpos bicho-humano-bicho cria uma dança improvisada, compartilhada na mútua vulnerabilidade.

PSICOGRAFIA PÓS-APOCALÍP-TITICA: uma peça radiofônica, de Carlos Augusto de Andrade, como apresenta o título, traz uma peça radiofônica para ouvidos que querem ouvir. Uma peça-canto-protesto que rasga a língua, com a radicalidade da luz de um estroboscópico. Cantos aqui se mesclam a inúmeras palavras inventadas, ou não, à maneira de Artaud e suas glossolalias. A imaginação é o precipício das palavras mortas. Estas esperam seu fim lá embaixo para alimentar outras palavras, que não temem a liquidificação do sentido e dos abismos. Sigam a voz do autor disponível no QRCode.

Os últimos 5 textos da compostagem recuperam relíquias da condição humana. Tal como Walter Benjamim observou na obra *Angelus Novus* (P. Klee) uma alegoria do progresso, estas histórias caminham pelas ruínas do que foi um dia uma promessa de futuro. Histórias que reviram afetos perdidos, encontrando a melancolia. Abrimos com **MAIS UM ESPELHO NO MEIO DA TARDE**, de Aurélio Orth de Aragão, que rememora os elementos da compostagem observando, não sem melancolia, fragmentos de espelho de relações humanas perdidas, o que o autor definiu como sendo um "inventário do desamparo".

SELVAGEM, de Cleiton Echeveste, mergulha em cavernas profundas para trazer Isabelita, um ser híbrido, mágico, que transita entre o céu e a terra com seus patins. As paisagens e as imagens descritas no texto são de uma refinada sensibilidade *queer*, repleta de florais, jaguares, dragões, melancolia e alegria. O diálogo entre o menino e a Isabelita alça voos que desafiam a mortalidade, sem deixar de tocar na radical vulnerabilidade de meninos gays, diante da hegemônica binariedade e hierarquia sexual refletida nas escolas.

DIÁRIO DO PROFESSOR DO FIM DO MUNDO, de Ivan dos Santos Faria, dá voz aos desafios de ser um professor gay. Um texto pedagógico que trata da educação, da

relação entre os corpos e sobre a diferença. No seu esgotamento melancólico, o professor busca sobreviver e permanecer vivo entre as ruínas do humano. Um diário intimo sobre desobediência de gênero, na qual o autor é ao mesmo tempo o observador e o observado.

MANUAL DE SOBREVIVÊNCIA PARA NOITES SOLITÁRIAS, de Charles Luciano, desce aos porões da melancolia para descrever um quadro de falência, marcado pela ausência de motivação ou esperança em um novo futuro. O estado solitário do personagem acende os restos de uma humanidade quebrada, presa nas promessas de bem estar do mundo humano moderno. O que resta não será mais o silêncio hamletiano, mas uma avalanche de imagens, de ruídos e pensamentos acelerados.

COCORÔCO, de Pedro Mourthé Kosovski, encerra o dossiê, propondo revirar memórias infantis da criança com seu avô. O jogo de criança é o fio para chegar ao mundo dos mortos e dali buscar a última palavra do seu avô. O que não foi dito caminha sussurrando junto à abelhas cachorrinhos perturbadoras.

Encerram-se, assim, as **15 Fabulações** desenvolvidas durante o curso "Reescrituras cênicas e a crítica da violência ética em contar-se a si mesmo", que tive o prazer de ministrar no Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena, da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) para um coletivo de artistas-pesquisadores sonhadores.

Boa leitura!

Martha M. Ribeiro